

AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS TELENOVELAS MEXICANAS

Caroline Machado de Lara[1]

Daniele Pereira da Silva[2]

RESUMO

Este resumo expandido tem o intuito de analisar as representações femininas nas telenovelas mexicanas dos anos 1990 e 2000, reprisadas no Brasil pelo canal SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), e como refletem nos comportamentos da sociedade brasileira desse período. É também de interesse deste trabalho compreender como as mudanças sociais que ocorrem ao longo das três décadas do século XXI refletiram no modo de se fazer e consumir novelas no Brasil e no México. As novelas que foram escolhidas para análise foram “Esmeralda” de 1997 e seu remake “Sin tu mirada” de 2017, ambas produzidas no México pelo “Canal de las Estrellas”, e a novela “A feia mais bela” de 2006, que é uma versão da telenovela colombiana intitulada “Betty, a feia” de 1999, comparando-a com sua última versão “Betty em Nova York”, produzida pela Telemundo Global Studios em 2019 e distribuída pelo canal de streaming Netflix, e posteriormente pelo SBT em canal aberto.

PALAVRAS-CHAVE: Representação feminina, Gênero; conservadorismo; telenovelas.

O resumo expandido apresentado para este colóquio deriva de uma idealização que ocorreu durante a graduação, na qual a autora e a coautora deste texto pretendiam analisar o gênero a partir das telenovelas mexicanas. O interesse por esse tema surgiu, em primeiro momento, pela influência que as telenovelas mexicanas tiveram em nossas vidas, e posteriormente esse “hobby” se converteu em uma possível análise das influências das telenovelas na construção de gênero na sociedade brasileira. Afinal, o Brasil e o México não compartilham só a latinidade, mas também as origens do seu conservadorismo (de origem católica), e como esses fatores aumentam ou diminuem ao longo das décadas, além das influências na sociedade.

O conservadorismo que perpassa a sociedade brasileira e mexicana tem suas origens na religiosidade. Apesar de o Brasil atualmente estar caminhando para se tornar um país com maioria evangélica[3], as bases do seu conservadorismo ainda se

[1] Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: 19011289@uepg.br.

[2] Discente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: danielepereira1500@gmail.com

[3] Os brasileiros vêm convertendo-se as religiões pentecostais e neopentecostais desde o início dos anos 2000, principalmente entre as camadas populares da nossa sociedade, que são também o público-alvo das novelas, tanto as mexicanas quanto as brasileiras. https://www.cartacapital.com.br/cursos/voce-sabia-que-o-brasil-pode-se-tornar-de-maioria-evangelica-ate-2032/

enquadram no ideal católico. As telenovelas dos anos 1990 e 2000, tanto no Brasil quanto no México, refletiam esse conservadorismo latente, com suas protagonistas jovens, virgens e sempre tementes a Deus, ou então devotas a alguma santa católica (no caso das novelas mexicanas, a Nossa Senhora de Guadalupe). Além da protagonista de moral incontestável, as telenovelas eram compostas por galãs másculos, muitas vezes agressivos, mas de “bom coração”, que se apaixonavam pela pureza e bondade da protagonista. E, para finalizar esse “trio”, contávamos com a imagem da vilã, que poderia ser representada por uma mulher mais velha (normalmente mãe da mocinha ou do galã) que considera a protagonista inadequada para o seu par romântico. Temos também a versão jovem das antagonistas, que serve como empecilho para o casal principal, e quando a vilã é interpretada por uma mulher jovem, costuma ser o oposto da protagonista; nesse caso, a vilã é libertina, mentirosa e invejosa.

Esses arquétipos das novelas mexicanas são um reflexo da sociedade em que essas novelas foram produzidas, mas também uma releitura de como essa mesma sociedade se comporta; afinal, as influências da sociedade com as mídias sociais são uma via de mão dupla. Não são só as novelas que influenciam a sociedade, mas, ao construirmos as novelas, filmes e séries, estamos introduzindo diversos valores já existentes na sociedade; afinal, o conservadorismo já existia antes do surgimento das novelas. Ainda hoje encontramos um discurso conservador dentro da nossa sociedade, não só nas representações midiáticas, mas também na política. Segundo Duarte (2021, p. 88), “Atualmente, o discurso conservador no país encontra na religiosidade os argumentos para se opor a temas como: o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo”.

Indo para a análise das telenovelas, a primeira a ser debatida neste resumo é “Esmeralda”, de 1997, escrita por Delia Fiallo e produzida por Salvador Mejia Alejandre. A novela inicia com o nascimento de Esmeralda, interpretada por Leticia Calderón, filha de Blanca, interpretada por Raquel Morell, e Dom Rodolfo, interpretado por Enrique Lizalde. Entretanto, a criança nasce cega e "morta", e, para poupar os pais da tragédia, a parteira troca a criança (Esmeralda) por outro bebê, José Armando, interpretado por Fernando Colunga, que nasce saudável. A história dá um salto temporal de vinte anos e os dois personagens crescem, e Esmeralda sobrevive, sendo criada como uma moça humilde. Além do desenvolvimento amoroso dos dois personagens (Esmeralda e José

Armando), outro personagem importante para desenrolar a história é o vilão Lúcio Maláver, interpretado por Salvador Pineda.

Os personagens principais se casam, e, após a lua de mel dos protagonistas, o vilão, que era obcecado pela mocinha, sequestra e dopa Esmeralda, e diz ao galã que abusou sexualmente da protagonista. A incerteza se o abuso aconteceu ou não perpassa todo o enredo da novela, que acaba suscitando a dúvida sobre a paternidade do filho de Esmeralda. Esse acontecimento é o ponto de desenrolar da história, já que o galã abandona a protagonista, alegando que não poderia conviver com a dúvida da paternidade, inclusive insinuando que a protagonista estaria mentindo sobre ter sofrido o abuso sexual. Ao final da história, o vilão confessa que mentiu sobre o abuso e que, na verdade, o filho de Esmeralda era realmente de José Armando. Após a confissão de Lúcio, o protagonista tenta reatar o romance, que é aceito novamente por Esmeralda.

Apesar de ser uma produção midiática, as novelas representam os valores de uma dada sociedade, que ensina as mulheres a perdoarem sempre e reafirma que só a palavra do homem importa. Quando o protagonista (que representa o homem idealizado, o exemplo a ser seguido) considera mais a opinião e a palavra do abusador do que da mulher que “ama”, revela a misoginia enraizada na sociedade mexicana que a produziu e na sociedade brasileira que consome esse produto. Em nenhum momento é levantado ao longo da história como esse abuso afetou a protagonista; a única preocupação era limpar a “honra” dela e demonstrar para o galã que ela ainda era “digna” do seu amor. Em momento algum foi buscada justiça pelo abuso sexual cometido contra a protagonista; o objetivo principal rondava em provar para o personagem José Armando que Esmeralda não tinha sido “desonrada”.

Em 2017, é produzido um remake da novela, intitulada agora “Sin tu Mirada” contando a mesma história de 1997, com o mesmo enredo do abuso sexual e do abandono do protagonista ao descobrir o abuso sofrido pela mocinha. Mas, nesta versão, a “nova Esmeralda” perdoa a desconfiança de José Armando, mas não volta a ter um relacionamento amoroso com ele. Nesta versão, a mocinha recomeça a sua vida com outro personagem, que existia na versão original, mas, pela primeira versão ser dos anos 1990, a protagonista não poderia se apaixonar, e nem se envolver com outro homem que não fosse o primeiro e único homem da sua vida. Essa mudança representa o que foi escrito por Tondato (2017, p. 118): “retornando ao conceito de “‘espelho”,’,

desde a década de 1960, as tramas telenovelísticas são também sinalizadoras de transformação dos valores sociais.”

Com essa ideia, a segunda a ser debatida é "A feia mais bela" (2006). No começo da novela, Lety, interpretada por Angélica Vale, é retratada como "feia", com características físicas que não se encaixam nos padrões estéticos tradicionais. A trama gira em torno de sua transformação e como isso a faz ser aceita e reconhecida no ambiente de trabalho e na vida pessoal. O contexto retrata uma norma permanente nas telenovelas mexicanas, com a narrativa onde uma mulher precisa passar por uma transformação física para alcançar o reconhecimento social. Durante o enredo, ela sofre por um romance considerado inalcançável com um homem padrão. Por mais que aparentemente haja um flerte entre os dois, o "romance" é totalmente escondido. O enredo das telenovelas que foram reprisadas várias vezes sempre teve um público feminino, e "A feia mais bela" teve um impacto reforçando a ideia de que a beleza externa, é essencial para ter sucesso em todas as áreas da vida. Tereza Delautetis (1984) diz que os audiovisuais tendem a estruturar suas histórias a partir de uma perspectiva masculina, colocando as mulheres como objetos de desejo ou como motivos para as ações do personagem masculino. Isso transmite uma mensagem perigosa de que o valor de uma mulher está totalmente ligado à sua aparência e que, para ser bem-sucedida e amada, ela precisa atender aos padrões de beleza convencionais.

O Brasil, sendo um país miscigenado, ao receber essa informação de que ter cabelo cacheado ou crespo é feio, e que para ser aceita e amada é necessário alisar, influencia na autoestima das mulheres brasileiras que buscam procedimentos estéticos para tentar refletir os padrões midiáticos. Essa representação pode afirmar como as mulheres brasileiras veem seu papel na sociedade. Segundo a historiadora Gabriella M. Larocca (2016), as pessoas reproduzem o que consomem; ou seja, as mulheres que assistem às telenovelas mexicanas recebem essa informação sobre ser submissa e mudar sua aparência para serem aceitas, fazendo de tudo para obter essa transformação e se encaixando nos padrões das massas. Elas acabam caindo em relacionamentos tóxicos, já que a tendência é romantizar o sofrimento e as traições, que são parte do roteiro e tratadas como algo natural.

A protagonista é chamada de "feia" constantemente, e o seu par romântico não vê uma mulher interessante até ela passar por procedimentos. A transformação de Lety não é apenas física, mas também uma adaptação aos padrões de beleza da sociedade,

problematizando que o sucesso em um relacionamento está ligado apenas à aparência, tornando-se totalmente superficial e evidenciando a necessidade de se encaixar nos padrões. Isso reforça os padrões tradicionais impostos sobre o gênero feminino, nos quais ela precisa ser aceita por um homem. Por mais que o audiovisual coloque a ideia de empoderamento feminino sobre o autoconhecimento e crescimento pessoal, ela é totalmente desqualificada ao colocar sua aparência em primeiro lugar.

Esta novela também teve outra versão, intitulada “Betty em Nova York” de 2019. Nesta versão, o roteiro sofreu algumas alterações; a história ainda gira em torno do aspecto físico da protagonista e como isso atrapalha seu desempenho profissional. Mas o processo de mudança “física” da protagonista é acompanhado de um amadurecimento psicológico, no qual não são trabalhadas somente suas características físicas, mas também sua autoestima enquanto mulher e profissional. Um adendo que podemos fazer nesta versão recente é o fato de a protagonista não alisar seus cabelos e nem perder seus traços latinos, como nas versões anteriores, demonstrando, de certo modo, que existe beleza física além do padrão branco europeu. Entretanto, assim como nas versões originais, esse remake ainda coloca o final feliz da protagonista com seu par romântico, o mesmo personagem que é responsável pelas humilhações que a mocinha sofre ao longo da trama.

Ao perceber como as mudanças sutis que ocorrem nos roteiros, quando comparamos as tramas originais ou as versões feitas nos anos 1990 e início dos anos 2000, representam um avanço nas discussões de gênero, é necessário deixar claro que essas mudanças não significam que estamos a caminho de uma revolução feminista, ou que a misoginia e as pressões estéticas não existam mais. Temos que lembrar que a televisão não é o único meio de comunicação do século XXI; agora, a televisão compete com os streamings e com as redes sociais. E se, por um lado, as telenovelas mexicanas e brasileiras vêm trazendo diversidade e protagonismo femininos, temos as redes sociais, principalmente o Instagram, com um culto à “energia feminina” e à submissão das esposas em relação a seus maridos. Páginas que pregam a volta da “feminilidade” e um desprezo por tudo que é “moderno” e do “mundo” crescem a cada dia, nos fazendo lembrar que a luta por igualdade, respeito e empoderamento não pode parar.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos: Jorge Mattos Brito de Almeida. Tradução: Juba Elisabeth Levy, Augustin Wernet, Jorge Mattos Brito de Almeida, Maria Helena Ruschel. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

De Lauretis, Teresa. (1994). **A tecnologia do gênero. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura***. 206-242.

DUARTE, Jéssica da Silva. **O avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no século XXI. 2021.** Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LAROCCA, Gabriela Muller**. A representação do mal feminino no filme *A Bruxa* (2016).** *Gênero*, Niterói, v. 19, n. 1, p. 88-109, 2018.

SCOTT, Joan. Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TONDATO, Marcia Perencin. "Eles querem acabar com a família": o conservadorismo protagonizando a atribuição de sentidos. ***Revista Comunicação Midiática***, v. 12, n. 2, p. 115-131, maio/ago. 2017.